

## **Pesquisas variacionistas sobre o dialeto piauiense: panorama atual e perspectivas**

Jania Ramos  
(CNPq/UFMG)

Francisca Pessoa  
(PG/UFMG)

Neste capítulo são descritos os resultados obtidos por pesquisas variacionistas que têm como objeto de análise o dialeto piauiense. É nosso objetivo mostrar que os resultados obtidos, se contextualizados sócio-historicamente, isto é, se integrados às circunstâncias econômicas, sociais e culturais que envolveram a própria formação do dialeto, poderão esclarecer passagens da própria história do Português Brasileiro. Diferentemente de Nascentes (1953), não descrevemos a variedade linguística em análise como um “subfalar nordestino”, mas como dialeto porque é nosso interesse apontar semelhanças e diferenças em relação aos dialetos vizinhos.

Este capítulo está organizado em três seções. Na primeira, apresentamos uma síntese dos estudos alcançados até o momento. Na segunda, retomamos episódios e processos que tiveram lugar durante a ocupação do território e seu desenvolvimento, de modo a identificar o cenário no qual se desenvolveu o falar piauiense. Para isso, tomamos como referência a história de dois centros urbanos, a antiga e a nova capital. Na última seção contextualizamos os resultados da seção I, discutimos duas hipóteses para explicar os fatos linguísticos e sugerimos encaminhamentos metodológicos.

### **1 Variações e mudanças no dialeto piauiense**

A investigação variacionista sobre o dialeto do Piauí contemplou, até o momento, de modo mais substancial, dois temas: vogais médias em pretônicas (SILVA, 2009) e as realizações de /r/ em posição de coda (CARVALHO, 2009). Além desses, identificou e exemplificou, de modo preliminar, alguns outros processos de natureza fonológica, conforme detalhamos a seguir. Uma variável sintática também foi analisada, as realizações de dativo (PESSOA, 2016), e fez-se um estu-

do lexical (SOUSA, 2012). Uma listagem dos processos fonológicos identificados aparece a seguir: assimilação, neutralização, iotização, queda de sílaba, epêntese, permuta, transposição, monotongação, assimilação, degeminação, semivocalização, vibrante simples, vibrante velar, hiperbibasmo, supressão de ditongo e segmento vocálico final e palatalização.

Várias pesquisas recolheram amostras de dados de fala. A seguir detalhamos os resultados obtidos nas pesquisas, identificando o local da coleta de dados e o tipo de amostra<sup>1</sup>.

Sobre a fala de Teresina, Silva (2009) analisou as variantes: [é, ó], [i,u] e [e,o]. Por exemplo, em palavras como “medida” e “robusta”, exemplificadas em (1-3), ocorre uma variação tripartida [é ~ e ~ i] e [ó~o~u].

(1) m[ɛ]dida, r[ɔ]busta; (SILVA, 2009, p. 103)

(2) m[i]dida, r[u]busta; (SILVA, 2009, p. 103)

(3) m[e]dida, r[o]busta; (SILVA, 2009, p. 103)

O *corpus* analisado compõe-se de 5.308 ocorrências, extraídas de 36 entrevistas de informantes de Teresina. Os fatores que se mostraram quantitativamente significativos foram: vogal contígua, contexto fonológico precedente, paradigma, contexto fonológico seguinte, faixa etária, escolaridade e homorganicidade (p.125). Também constatou-se que quanto mais velho é o informante, menor é a frequência de médias fechadas (p.172).

Complementando essa pesquisa, foi feita uma comparação entre os percentuais das variantes em amostras de Teresina e de outras sete cidades: Natal (RN), Salvador (BA), Recife (PE), João Pessoa (PB), Formosa (GO), Ouro Branco (MG) e Piranga (MG). Verificou-se que a vogal média aberta é a preferida, tal como em outras capitais nordestinas. Os percentuais de vogal média convertida em alta se assemelham aos obtidos nas demais capitais nordestinas pesquisadas, 20% em média, exceto Natal (0%). O percentual de vogal média fechada em Teresina é de 20%, semelhante ao de outras capitais do Nordeste, mas inferior aos das cidades mineiras e goiana pesquisadas (respectivamente, 63% e 83%). No Nordeste, a preferência por vogais médias pretônicas abertas exige explicações (SILVA, 2009). Na seção 2 deste capítulo, retomamos a abordagem sugerida por essa última autora.

Outro estudo sobre a fala teresinense é o de Carvalho (2009). Nele são analisados os comportamentos fonético e fonológico dos róticos na fala de informantes nascidos nas seguintes cidades: Teresina, João de Freitas, Miguel Alves, Campo Maior, Piri-piri, Castelo do Piauí, Buriti dos Montes, Cocal de Telha, Barras, Boa Hora, Esperantina e Parnaíba. A amostra é formada por entrevistas com 36 informantes, sendo 20 moradores da área urbana de Teresina e 16 nascidos no interior,

1 Para uma descrição dos *corpora* digitalizados e disponibilizados, quer em livro quer de modo restrito, ver Pessoa e Ramos (2017).

que ainda mantêm contato com as respectivas cidades de origem, embora residam na capital.

As variantes analisadas são a glotal [h] (48,1%), o zero fonético (22,2%), o tepe [r] (19,01%) e a fricativa palatal [ʃ] (10,6%), como ocorre em “divertir [dʒiveʰtʃi]” (p. 137)<sup>2</sup>. Os fatores quantitativamente significativos são: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, tonicidade da sílaba, extensão da palavra, categoria gramatical, escolaridade, sexo e faixa etária (p. 142).

Ao sintetizar suas investigações, Carvalho (2009) identifica um problema: como e com quem os róticos chegaram ao Piauí? Mais particularmente, por que ocorre a variante tepe em Teresina?

Nunes e Silva (2011), por sua vez, analisam a palatalização da fricativa /s/ em posição interna e em posição de coda, como em: “flore[s]ta/flore[ʃ]tas”; “crista[s]”/ “crista[ʃ]”. A amostra utilizada compõe-se de 36 entrevistas com informantes teresinenses estratificados socialmente por gênero, faixa etária e escolaridade. Do total de 734 dados, 599 são palatalizados (82%) e 135 (18%) não palatalizados. Diante de /t/, há palatalização como em “e[ʃ]tudo”, “ca[ʃ]telo”. Diante de qualquer outra consoante, realiza-se o fonema /s/ de forma sibilante, como em “e[s]posa”, “ra[s]ga”. Em posição de coda final, o fenômeno da palatalização também não se efetiva, como em “crista[s]”, “revista[s]”.

Outro estudo sobre a fala teresinense focaliza a despalatalização de [λ], cujas variantes são exemplificadas em “traba[λ]a” e “traba[y]a”. Oliveira Silva e Carvalho (2012) aplicam testes a 12 informantes, estratificados segundo faixa etária, gênero e idade. Os testes incluem um questionário de leitura, três módulos com perguntas para provocar narrativas e 31 figuras que foram utilizadas para a coleta de dados de informantes analfabetos. Os resultados mostram que a despalatalização é favorecida pelo gênero masculino (.65/.38) e por menor escolaridade (.89; .48; .17), por palavras com mais de duas sílabas (.40; .59) e pela altura da vogal seguinte (vogal anterior .80; central .62; posterior .34). Esses resultados indicam variação diastrática, tal como em muitas outras cidades brasileiras.

Dando continuidade à análise da literatura referente à nossa pesquisa, cabe lembrar que:

- (1) Nunes, Barros do Carmo e Carvalho (2011) identificam e exemplificam os processos de subtração, aumento, permuta e transposição em oito entrevistas

2 Essa última ainda não encontrada em outras amostras sobre róticos, sendo “uma marca sui generis” (p. 137) do dialeto. Também foi feita análise acústica dos segmentos /htʰ /, /hʃ/ e /hʃtʰ/ e constatou-se um tipo de assimilação regressiva e palatalização do tipo parcial (p. 12). Sobre essa variável, ver também Taylor e Eddington (1996) e Barros (2004) sobre o dialeto piauiense, Alencar (2007) e Silva (2015) sobre o dialeto de Fortaleza.

com informantes de Teresina, numa amostra estratificada por gênero e idade. Contudo, esses autores não apresentam resultados quantitativos.

- (2) Dantas, Carvalho e Costa (2014), ao analisar a fala de informantes em comunidade rural do município de Ipiranga, identificam os seguintes processos: monotongação ('primero/primeiro), assimilação e degeminação (ino/indo), semivocalização (trabaiá/trabalhar), supressão de ditongo e segmento final (po- quim/pouquinho), concordância de gênero ("os jove só ia a uma festa se fosse com pessoa idoso"); epêntese (rapazi/rapaz). Da mesma forma que no caso anterior, apontam exemplos mas não apresentam resultados quantitativos.
- (3) Carvalho e Henz (2016) analisam a variação entre /s/, /h/ e /z/ numa amostra de 16 entrevistas com informantes de Teresina, estratificados por gênero, escolaridade e faixa etária. Os resultados dessa pesquisa apontaram uma predominância da variante alveolar (74,1%) contra a fricativa glotal (25,9%). A variação do fonema /s/, conforme os autores sublinham, é regulada mais por fatores linguísticos que sociais.
- (4) Santos (2016) analisa uma amostra cujos entrevistados são moradores de Bom Jesus (PI). Vinte deles vieram do Rio Grande do Sul nos últimos 25 anos e os demais são nascidos naquela cidade. Os objetivos dessa pesquisa foram (i) investigar a interferência/alternância da vibrante simples com a fricativa velar presente em situações de fala de falantes imigrantes e dos bom-jesuenses e (ii) registrar as percepções dos falantes sobre sua própria fala. Para a análise, foi feita uma caracterização histórico-geográfica da comunidade estudada, foram registradas conversas livres e narrativas orais direcionadas para temas da realidade local. O fator que se refere ao local de origem do informante foi significativo. Do ponto de vista interacional, a percepção dos dois grupos é que sua fala se modificou em relação ao modo como falavam antes. Os resultados indicam consolidação da variante fricativa velar na fala dos gaúchos e da vibrante simples na fala dos bom-jesuenses.
- (5) Nunes (2014) analisa o processo de hiperbibasmo, isto é, o deslocamento do acento como variação linguística. As variantes aparecem exemplificadas a seguir: *ruim* [xuĩ] e *ruim* ['xũĩ], *lúcifer* ['lusifɛ] e *lúcifer* [lusi'fɛ], *gratuito* [gra'tuitu] e *gratuito* [gratu'itu]. Seus resultados mostram que, em relação à variável gênero, são as mulheres que realizam com mais frequência a pronúncia padrão, uma conclusão recorrente nos estudos variacionistas. No relato da pesquisa não são explicitados os resultados quantitativos nem a dimensão da amostra.
- (6) Negreiros (2012) analisa a variação entre apagamento ou manutenção de vogal átona final no dialeto da cidade de Picos. Sua amostra é de 24 entrevistas. As variáveis sociais escolaridade, idade, origem e sexo foram testadas. Foi realizada uma análise fonética dos dados. Os resultados indicam que as

mulheres tendem a manter a vogal átona, enquanto os homens tendem ao apagamento. No que tange à escolaridade, os universitários apagam menos a vogal átona final. O fator idade mostrou que os mais jovens favorecem o apagamento. A origem dos informantes foi o fator que mais chamou a atenção, pois os falantes da zona rural, e não os da zona urbana, foram os que apagaram menos a vogal átona.

- (7) Silva (2015, p. 81) analisa a fricativa glotal [ʃ] em lugar de [r], como em “forte” e “certeza”. A comunidade investigada é Livramento (PE), na fronteira do Piauí. A variante [ʃ] é identificada como marca do dialeto piauiense. A amostra compõe-se de 15 entrevistas. A variável palatalizada é favorecida pelas mulheres e pelos mais escolarizados.
- (8) Gomes et al. (2013) analisam a fala de moradores de periferia de Teresina. Apresentam fragmentos de entrevistas de cinco informantes, apontando itens e expressões estilisticamente distintas. Os itens selecionados foram: *percursor* (p. 8), *pade* (p. 8), *estou formando* (p. 7), *primera* (p. 7), *inté* (p. 7), *mermu* (p. 8). Nesse estudo, nenhum levantamento quantitativo ou análise são apresentados.
- (9) Pessoa (2015) analisa a variação entre os sintagmas dativos clíticos e sintagmas dativos preposicionados, numa amostra composta por 10 entrevistas com informantes teresinenses. É feito um estudo de painel. Os resultados mostram que 8 dos 10 informantes, no intervalo de 12 anos, aumentaram a frequência de uso de clíticos dativos de primeira e segunda pessoas, mas não o de terceira. Nove dos informantes, no período, terminaram ou estão terminando o curso superior.
- (10) Sousa (2012) analisa o léxico em cinco eventos de interação entre adultos moradores em Angical. São analisados cinco eventos interativos (aniversário, missa, feira, conversa informal) e os “termos inusitados” (p. 9) são apontados e seu significado é apresentado. São eles *frusteca*<sup>3</sup>, *curtipiu*”, “*vô bom*” etc.

Até aqui foram apresentadas breves sínteses das investigações sobre o dialeto piauiense. Ainda que não seja exaustivo, esse levantamento permite identificar as comunidades sobre as quais alguma informação sociolinguística foi obtida. Além dessas, outras cinco podem ser somadas por terem sido escolhidas como ponto de coleta de dados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Picos, Piripiri, Monte Alegre, Teresina e Canto do Buriti.<sup>4</sup> Retiradas as sobreposições, é 17 o número de

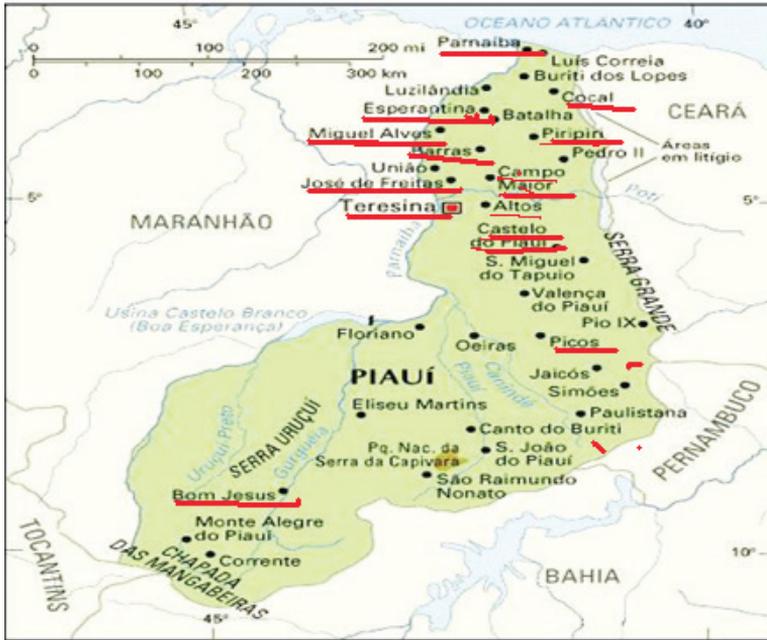
---

3 Respectivamente, os significados são “caixa”, “desmaio”, “vou com certeza”.

4 Optamos por não detalhar as referências ao Piauí que aparecem nos volumes I e II do *Atlas linguístico do Brasil* (2014), devido às limitações deste capítulo.

idades cujas comunidades foram objeto de estudos variacionistas no Piauí<sup>5</sup>. Esse total corresponde a 7,14% do total de 224 municípios. Treze dessas cidades estão entre os 24 municípios mais populosos do estado. Geograficamente, os 17 municípios pesquisados localizam-se no centro e ao norte, áreas que foram colonizadas mais tardiamente, no decorrer do século XIX, conforme veremos.

No Mapa I aparecem sublinhados os nomes dos municípios pesquisados.



**Figura 1** Mapa I

Fonte: <http://www.postocastelo.com.br/mapas-estaduais.php>

Do conjunto de variantes pesquisadas, viu-se que há tepe, três realizações de vogais médias pretônicas e algumas variantes reconhecidas como típicas do dialeto rural, e ainda realizações reconhecidas como típicas, como a fricativa glotal em lugar de [r].

Para explicar a presença dessas variantes, foi aventada a hipótese:

A partir das misturas entre os povos, colonizadores, escravos e indígenas, surge o falar piauiense, que se estende além das barreiras do estado, sendo

5 Altos (1), Miguel Alves (2), Campo Maior (3), Piri-piri (4), Castelo do Piauí (5), Cocal (6), Buriti dos Montes (7), Barras (8), José de Freitas (9), Boa Hora (10), Esperantina (11) e Parnaíba (12), Teresina (13), Picos (14), Bom Jesus (15), Ipiranga (16) e Angical (17).

também observado nos municípios vizinhos. Essas variações no linguajar piauiense são atribuídas, também, aos colonizadores paulistas, sendo denominadas, à época, “arraia dos paulistas” as fazendas onde cultivavam a terra e criavam gado. Segundo o historiador Nunes (1975), isso ocorreu pelo fato de os primeiros residentes serem de São Paulo – Domingos Jorge Velho e os que o acompanhavam. (...) (SILVA, 2015, p. 61)

Portanto, para Silva (2015, p. 81), a fricativa glotal [ʃ] em lugar de [r] no falar piauiense e na comunidade pernambucana de Livramento tem origem na mistura de dialetos dos primeiros colonizadores (p. 81). Carvalho (2009) também faz menção aos paulistas:

fazer um resgate do falar piauiense, através de uma análise sócio-histórica com vistas a evidenciar como e com quem o rótico chegou ao Piauí. (...) a formação e colonização desse Estado teve contribuição de pernambucanos, baianos e paulistas; contudo os últimos tiveram uma maior participação (...) o /r/ realizado pelo piauiense, sobretudo como variante tepe, contou sobremaneira com a participação dos paulistas, dada a sua frequência de 19,01%, de acordo com a análise eneária, apresentada pelo *Goldvarb*. Outra leitura que se pode fazer é que, visto ser o tepe uma vibrante simples e, portanto, uma realização surda da sua modalidade sonora, a vibrante múltipla, realização presente, ainda, em grande parte do Estado paulistano, é justificável compreender que as relações engendradas desde as origens e a colonização do Piauí guardem relações linguísticas com os seus primeiros colonizadores. (CARVALHO, 2009, p. 250)

A autora direciona seu questionamento para a formação do dialeto, mais exatamente busca uma resposta para o problema da implementação, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (1968)<sup>6</sup>. Chama sua atenção a presença do tepe. Na busca de uma explicação sócio-histórica, a autora, conforme vimos, argumenta que o tepe é uma realização surda da vibrante múltipla e que há um dialeto brasileiro em que ainda hoje essas duas realizações estão presentes: o dialeto falado em São Paulo. Historicamente, a presença de paulistas no Piauí é documentada.

---

6 Labov (2010, p. 94-103) coloca em dúvida o equacionamento da mudança tal como WLH (1968). Argumenta que uma explicação para uma mudança deve ser buscada na história interna e não na história externa. Parece-nos, entretanto, que o problema da implementação possui poder heurístico, principalmente quando se tem em conta o debate sobre a origem do Português Brasileiro, em que competem as hipóteses da deriva (NARO; SCHERRE, 1993) e da crioulição (BAXTER; LUCCHESI, 1997). Investigar como e quando uma variante aparece pode trazer evidências para esse debate.

Os paulistas, assim como os pernambucanos e baianos, foram os primeiros colonizadores daquelas terras. E a autora conclui ser razoável supor que ‘as relações engendradas desde as origens e a colonização do Piauí guardem relações linguísticas’ (CARVALHO, 2009, p. 250).

Em Teresina, a variante tepe é favorecida pelos fatores faixa etária (acima de 47 anos) e escolaridade (maior), enquanto a variante /r/ retroflexo não chega a ocorrer. Em São Paulo, o tepe é favorecido pelos fatores origem paulistana e escolaridade maior, enquanto o /r/ retroflexo é favorecido se a origem do falante é nordestina e se a escolaridade é baixa (OUSHIRO; MENDES, 2013). Por que a variante tepe é prestigiada em dialetos diferentes?

Se a variante tepe pode ser hoje identificada como marca da presença paulista, trazida ainda nos tempos da colonização (CARVALHO, 2009), por que outra marca do dialeto dos paulistas – o erre retroflexo – não é documentada no Piauí? Por que o /r/ retroflexo está ausente em Teresina?

Em relação a essa realização de /r/, Lima (2013) sustenta que há presença de /r/ retroflexo nos seguintes estados: RS, SC, PR, MG, MS, GO, BA, PB, CE e MA, conforme mostra o Mapa II. Veja-se que o Piauí não aparece colorido no mapa.



**Figura 2** Mapa II: Presença de -R retroflexo em estados brasileiros.

Pesquisas recentes, entretanto, são ainda inconclusivas sobre a origem do –R retroflexo:

até onde foi possível verificar, esta variedade de rótico não foi trazida pelos portugueses durante a ocupação da terra recém-descoberta, nem constava do acervo fonético dos autóctones brasileiros. (...) A hipótese mais viável (...) seria atribuir a origem do /r/ caipira, no PB, ao contato do português europeu com o tupi, língua desprovida de /r/ e /l/, pelo menos em coda silábica. (SILVA, 2016, p. 33-34)

Seria o retroflexo um rótico que ainda não estava presente no dialeto paulistano na época da colonização das terras piauienses? Pode ser, mas não se pode afirmar porque os estudos sobre o /r/ retroflexo não fornecem uma datação. Além disso, a descrição acústica do /r/ retroflexo apresentada por Ferraz (2005, p. 52-53) mostra que o tepe e o retroflexo são bem próximos: “um elemento vocálico, um sinal de reflexão, um tepe e, finalmente, mais um elemento vocálico que tem duração aproximada de 20ms”.

Se tivermos em conta que o /r/ retroflexo, apesar das considerações acima, é uma marca do dialeto dos paulistas, o Mapa 2 constitui um obstáculo para a hipótese formulada por Carvalho (2009). Entretanto, o estado do Piauí é vasto e pode ser que em alguma localidade seja registrada a variante retroflexa. É importante ter em conta que o Mapa I é uma fotografia não só do passado mas também do presente, registrando as decorrências linguísticas do contato das respectivas populações com migrações mais recentes. Por essa razão, estudos de natureza diacrônica seriam reveladores nessa discussão. O caso de Bom Jesus é exemplar. Num período de 25 anos, após a chegada de gaúchos, o dialeto local apresentou mudanças (SANTOS, 2016).

## 2 Encaminhamentos e métodos

Diante de questões referentes à implementação, Silva (2009) sugere um caminho:

essa diversidade das vogais médias “reflete a complexidade que o país apresenta, em função de um processo resultante de vários fatores decorrentes da história particular de cada município, desde a colonização com o povoamento inicial, em que falares diferentes entraram em contato”. (SILVA, 2009, p. 206)

Aceitando a hipótese de que a solução estaria na investigação da história de cada município, fazemos uma breve comparação entre a história de Oeiras, pri-

meira capital do Piauí, e Teresina, segunda capital. Nosso propósito é explorar as consequências linguísticas que essas informações possam nos trazer.

## 2.1 Teresina, Oeiras e suas histórias

Iniciemos essa seção atentos às seguintes recomendações:

[A] espacialização geográfica – de ordem mais física – (...) [deve ser considerada, atendo-se a] uma série de outros elementos, tais como: o ritmo e a natureza do povoamento/migrações, a composição urbana, as instâncias educativas, a urdidura político-administrativa, as sociabilidades religiosa ou intelectual, transporte, educação (...). Devem-se observar ainda as específicas confrontações étnicas [que ali tiveram lugar]. (ROCHA; ANDRADE, 2016, p. 64-65)

Buscando capturar essas múltiplas correlações, focalizemos o alvorecer do século XVIII. É a partir do alto do Rio São Francisco, nos últimos anos do século XVII, que chegam os mestres de campo e suas comitivas, visando à apreensão de indígenas e à procura de metais preciosos. Já no início do século seguinte, os primeiros criadores de gado vão estabelecendo suas extensas fazendas, ocupando a área do atual estado do Piauí, dando-lhe a reconhecida conformação geográfica, estreito nas extremidades e alargado ao meio. A pequena área litorânea que vemos hoje, segundo Alves (2003), decorre da demora da chegada dos criadores de gado ao extremo norte. Essa faixa foi adquirida do Ceará em troca da área de Crateús.

A atividade econômica, desenvolvida em grandes fazendas, teve várias consequências sociais. Uma delas foi contribuir para o extermínio de indígenas naquele território (MOTT, 1979), em conflitos que perduraram por mais quase cento e cinquenta anos (MEDEIROS, 2009).

Ainda no início do século XVIII, em torno de uma igreja em homenagem à Nossa Senhora da Vitória, surge o primeiro povoado do Piauí. Em 1711, o proprietário da primeira fazenda de criação de gado, Domingos Afonso Sertão (reconhecido como 'Mafrense'), deixou em testamento para os padres jesuítas cerca de 30 fazendas e 50 sítios<sup>7</sup>. O colégio jesuíta, a ser erigido naquele povoado, não chegou a ser construído. Em 1718, esse povoado é elevado à condição de capital da Capitania, antes mesmo de tornar-se vila. Em 1761 recebe o nome de Oeiras, em homenagem ao Marquês de Pombal. Um ano depois encontravam-se ali 33

7 SANTANA, 1904, p. 24 (apud REIS, 2006, p. 34).

casas e 114 pessoas<sup>8</sup>. O povoado estava no auge e o gado da região alimentava o mercado das minas no Sudeste. No ano seguinte, Oeiras recebe 300 portugueses degredados para ampliar a população<sup>9</sup>. Ao final do século XVIII, quando as minas se esgotaram, esse mercado entrou em crise. A cidade entra em declínio e deixa de ser a sede do governo em 1852. A estagnação de Oeiras permanece até os anos 30 do século XX, quando, então, experimenta algum progresso. Atualmente Oeiras possui 35.225 habitantes (IBGE, 2010) e o percentual de alfabetizados é de 69,39% (IBGE).

Essa retrospectiva, embora breve, permite reconhecer em Oeiras uma população que conviveu com jesuítas. Conviveu também com a escravidão indígena, aldeamentos, vivenciando relações de contato com os grupos Guegue e Acroá (MEDEIROS, 2008, p. 357). Testemunhou também a longa resistência dos índios reconhecidos como Pimenteiras, nome derivado da região na qual se refugiavam. Conforme relatos de época, índias teriam sido trazidas para a cidade para atuarem como intérpretes (“línguas”)<sup>10</sup>. Nesse sentido, Oeiras seria uma ilha dentro do restante do Piauí, porque sua área é considerada um espaço de extermínio indígena (MOTT, 1979)<sup>11</sup>.

Do ponto de vista linguístico, pode-se supor que a comunidade de Oeiras guarde marcas desses processos e seria muito importante verificar as variações linguísticas presentes e as mudanças registradas. A comparação com a fala de outras comunidades permitirá identificar a extensão da presença dos colonizadores na gramática dos falantes dessa localidade.

Consideremos agora a história de Teresina. Sua denominação constitui uma homenagem à Imperatriz Teresa Cristina Maria de Bourbon, que, em meados do século XIX, teria intermediado com o imperador D. Pedro II a mudança da capital. Tal como Oeiras, seu nome visa a homenagear a nobreza. A aglutinação das palavras “Teresa” e “Cristina” resulta num nome de origem muito diferente daquele que nomeia o estado. Atribui-se aos indígenas que habitavam o atual estado do Piauí a denominação desse topônimo: PIAGUI > PIAGOI > PIAUÍ, que significa “rios de piau”, uma espécie de peixe muito comum nos rios e açudes do estado (RODRIGUES, 2004 apud CARVALHO, 2009, p. 34)<sup>12</sup>.

---

8 Acento das casas próprias e de aluguel que ocupam os moradores de Oeiras, 1772, citado por Falci (2000/2001).

9 Costa, 1974, vol. P., citado por Reis (2006, p. 34).

10 Ver Oliveira (2007, p. 96).

11 Dados do IBGE mostram que, em 2010, 35.272 pessoas (0,5% da população) se autodeclararam indígenas no Maranhão. IBGE- Censo de 2010. Disponível no site [http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena\\_censo2010.pdf](http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf)

12 Há, entretanto, outra hipótese para o termo Piauí: “diz-se de um tipo de gado bovino de pequeno porte dotado de cornos desenvolvidos” (FERREIRA, 1975).

Teresina é uma cidade planejada. Seus primeiros moradores eram funcionários públicos, militares e demais pessoas vinculadas à Igreja, que, até a transferência da capital, residiam em Oeiras. Além desse segmento, vieram também, nos primeiros tempos de fundação da cidade, escravos para trabalhar em construções, assim como pescadores, canoieiros, plantadores de fumo e mandioca, transferidos de Barra do Poti<sup>13</sup>. Sempre como sede administrativa, Teresina só veio a ter um grande aumento populacional do século XX. No período de 1960 a 1980, sua população sextuplicou, atingindo 538.294 habitantes, sendo 62,90% urbana e 37,10% rural<sup>14</sup>. O fluxo migratório nesse período, em sua maioria, veio da zona rural do próprio estado e de estados vizinhos (Pernambuco, Paraíba e Ceará), em decorrência da seca. Sua população alfabetizada é de 86,03%<sup>15</sup>.

Do ponto de vista linguístico, a pesquisa da fala e da escrita dos teresineneses poderá informar sobre padronização, visto ser esse hoje um centro urbano desenvolvido, cujo IDH é 0,751, próximo ao do Rio de Janeiro (0,799) e ao de Salvador (0,759), e o percentual de analfabetos, acima de 15 anos, é 13,07% num estado em que esse índice alcança 53,1% dos habitantes daquela faixa etária. Oeiras tem uma população quase seis vezes menor, 36.385 habitantes em 2015, IDH de 0,634 em 2010. Nessa localidade, a incidência de pobreza foi de 55,10% em 2003. A taxa de analfabetos em Oeiras, em 2010, é de 31,61%, inferior à do estado, embora superior à do Brasil, em 2000, 29,4%.

Diante desse cenário, parece promissora uma comparação entre essas duas comunidades, por terem perfis diferentes. Infelizmente ainda não se coletaram dados de Oeiras, o que impede a comparação com Teresina, que tem vários *corpora* já coletados<sup>16</sup>. Próxima a Oeiras, a cidade de Picos possui uma amostra coletada de 24 entrevistas (NEGREIROS, 2012). Nessa cidade a pesquisa mostrou que são os informantes da área rural os que mais se aproximam dos falantes do Sudeste no estudo sobre a variação de manutenção de vogal átona em sílaba final. Esse resultado pode ser interpretado como uma evidência da antiga presença de pau-

---

13 Silva (2009, p. 109), conforme vimos, afirma que em Barra do Poti estão as raízes de Teresina, o que significa recuperar uma história que remonta a 1760. Entretanto, Barra do Poti foi transferida para um local a 6 Km e é a partir da nova Poti que Teresina vai se desenvolver. Os novos segmentos sociais vindos de Oeiras vão representar uma ruptura entre Poti velho e Teresina. Hoje, entretanto, Poti se tornou um bairro de Teresina.

14 IBGE, 2000.

15 IBGE, 2000.

16 Sobre uma notícia do estágio atual de coleta de *corpora* piauienses e sua disponibilização, ver Pessoa e Ramos (2016).

listas, uma vez que o dialeto rural é mais conservador e menos heterogêneo que os dialetos urbanos no Brasil.<sup>17</sup>

Picos teve origem no povoado de Bocaina, ligado à capital Oeiras, e foi iniciada com a chegada dos primeiros fazendeiros de gado nos anos de 1740, trazendo alguns escravos e ocupando grandes territórios. Hoje Picos possui o dobro de habitantes de Oeiras e hospeda uma universidade federal. Esse perfil a afasta do perfil conservador e restrito de Oeiras.

## 2.2 Espaços e tempos

A observação dos limites dos bispados na época colonial permite ver que Piauí e Maranhão não se distinguiam. Veja-se o Mapa III.



*Fronteiras dos bispados coloniais.*

(Fonte: RUBERT, Arlindo. *Historia de la Iglesia en Brasil*. Madrid: MAPFRE, 1992, p.315.)

**Figura 3** Mapa III: Fronteiras de Bispados ao Final do Período Colonial.

17 De acordo com Amaral (1920), a manutenção da vogal átona final identifica o dialeto caipira.

Se estamos interessados na ocupação do território piauiense no século XVIII, é importante levar em conta as fronteiras em diferentes épocas.

Sobre o Maranhão, surgiu recentemente uma pesquisa de muito interesse. Carneiro (2014) analisa uma amostra de Barra do Corda, que fica a 300 km de Teresina. O autor compara a fala de informantes não indígenas que usam o português brasileiro como L1 à fala de indígenas Guajajara e Kanela, que têm o português brasileiro como L2. Uma síntese de seus resultados aparece no Quadro I.

**Quadro 1** Listagem dos processos fonológicos em entrevistas em PB como L1 e L2.

<b>Processos</b>	<b>Português Brasileiro falado por indígena como L2</b>	<b>Português Brasileiro falado por não indígena como L1</b>
Supressão de segmento em início de palavra	então > tão	encostava > costava
Supressão de segmento em meio de palavra	também > tamém	também > tamém
Supressão de segmento em fim de palavra	_____	salariozinho > salaruzin
Acréscimo de segmento em início de palavra	lembro > alembro	melhorei > amelhorei
Acréscimo de segmento em meio à palavra	dificuldade > dificuldade	dificuldade > dificuldade
Acréscimo de segmento em fim de palavra	casal > casali	_____
Supressão de elementos similares	gosto de > gos' de	perto da mãe > per' da mãe
Assimilação dependente de informação gramatical	correndo > correno	correndo > correno
Nasalização	identidade > inintidade	sabe igual > sabe ingual
Nasalização vocálica	entrei em > entrei ni	marcando nin aldeã mermo!
Queda de vocoide alto acentuado (p. 98)	_____	quando > qundo
Sequência NCV como C <sub>nasal</sub> V (p. 104)	_____	combinei > cominei
Apagamento de sequência vocálica átona em palavra extensa (p. 105)	_____	fisioterapia > fisterapia
Queda de /r/ pós-vocálico interno à palavra (p. 105)	_____	purque > puquê
Omissão de segmento vocalizado em posição de coda silábica interna à palavra (p. 106)	_____	alguma > aguma
Desfazimento de onset silábico (p. 106)	_____	outra > ota
Alternância entre vogal alta labial com nasalidade e consoante nasal labial em posição de onset (p. 107)	_____	uma > uãra

(continua)

**Quadro 1** Listagem dos processos fonológicos em entrevistas em PB como L1 e L2. (continuação)

<b>Processos</b>	<b>Português Brasileiro falado por indígena como L2</b>	<b>Português Brasileiro falado por não indígena como L1</b>
Despalatalização (p. 108)	cartilha > cartila	
Harmonização vocálica com enfraquecimento (p. 110)	curimatá > cur <sup>h</sup> mata	
Queda de sibilante em coda silábica (p. 111)	mesmo > memo	
Assimilação total ou parcial de vogal (p. 118)	europ <u>e</u> u > europe <u>i</u> dent <u>i</u> sta > dent <u>i</u> sti ex <u>e</u> m <u>p</u> lo > in <u>e</u> z <u>e</u> m <u>p</u> lo	

Esse quadro mostra que há diferenças claras entre os dois grupos. Vejam-se as linhas 15-17 e 18-21. Entretanto, há também sobreposições. As ocorrências da terceira coluna se verificam não só na produção linguística de informantes moradores de Barra do Corda, mas também na produção linguística de piauienses, se não todas, pelo menos a maior parte delas (cf. seção 1).

Comparando as transcrições dos grupos pesquisados, Carneiro (2014) conclui que

os Guajajara são os que estão mais próximos da variedade linguística do português que contém os processos que acabamos de mencionar. E que são os Kanela a estar mais afastados dessa variedade, (...) [porque] desfazem um onset/ataque silábico complexo do português (CARNEIRO, 2014, p. 136).

As semelhanças entre a coluna 3 do Quadro III e os processos referidos no Quadro I levam à seguinte indagação: esses fatos se explicam por um passado comum ou pelo contato entre maranhenses e piauienses? Somente estudos diacrônicos poderão fornecer alguma luz sobre essas questões.

## Conclusões

Neste capítulo buscamos apresentar um quadro geral do estado da arte da pesquisa em variação linguística sobre o dialeto piauiense. Buscamos também compor um breve cenário da história da ocupação do respectivo território e sua evolução. Ainda que fragmentado, esse cenário permitiu apontar razões de natureza histórica e social para o estudo do dialeto piauiense.

Marcas do dialeto caipira no falar piauiense têm sido documentadas, mas uma explicação para sua presença está ainda longe de ser obtida. Discutimos

duas hipóteses: uma que visa a aproximar historicamente o noroeste paulista ao sertão piauiense (CARVALHO, 2009; SILVA, 2009); e outra que visa a aproximar linguisticamente piauienses e maranhenses. A esse último cenário falta a inserção de informações sobre Oeiras, o que permitiria incluir uma dimensão diacrônica aos estudos linguísticos, visto ser esse centro urbano fundado ainda no início do século XVIII. Em relação às duas hipóteses faltam, portanto, evidências.

No que diz aos dados de fala, vimos que uma coleta importante já foi feita, embora permaneça dispersa e de acesso restrito. No que diz respeito à coleta de novas amostras, seria oportuna a formação de uma amostra representativa de Oeiras. O objetivo seria o de implementar estudos comparativos com Teresina. Por terem perfis populacionais distintos, a comparação da fala dos moradores da antiga e da nova capital poderia revelar diferenças.

A motivação maior do presente capítulo é tentar apresentar uma síntese sobre um dialeto brasileiro ainda pouco investigado e sugerir desdobramentos, tendo em conta os produtos e as lacunas observadas assim como o tratamento ainda preliminar dos vários temas referidos na parte inicial deste capítulo.

## Referências

- ALENCAR, M. S. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /l/*. Fortaleza: UFC, 2007 (Tese de Doutorado).
- ALVES, V. E. L. As bases históricas da formação territorial piauiense. *Geosul*, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 55-76, jul./dez. 2003.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC/ Brasília: INL, 1982 [1920].
- BARROS, Luiz Egito de Souza. *A neutralização entre os fonemas /r/ e /ʀ/ no falar de Teresina-PI*. Fortaleza: UFC, 2004 (Dissertação de Mestrado).
- BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulição na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, 19, p. 65-84, 1997.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981 (Tese de Doutorado).
- BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -R retroflexo. *Signum: estudos da linguagem*. Vol. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.

- CALLOU, D.; LEITE, Y. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Lingüísticos e Literários* (5), Salvador: UFBA, p. 151-162, 1986.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas lingüístico do Brasil*, v. 1 (Introdução). Londrina: UEL, 2014a.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas lingüístico do Brasil*, v. 2 (Cartas lingüísticas 1). Londrina: UEL, 2014b.
- CARNEIRO, J. R. D. *Povos e línguas indígenas no Maranhão: contato lingüístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014 (Tese de Doutorado).
- CARVALHO, L. S. *Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica no falar piauiense*. João Pessoa: UFPB, 2008 (Tese de Doutorado).
- CARVALHO, L. S.; HENZ, X. Variations, phraséologie et ressources. *Livret de résumés du IVème Congrès International de Dialectologie et Sociolinguistique*. Paris: Université Paris Sorbonne, 2016.
- CASTRO, V. S. Revisitando Amadeu Amaral. *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 1937-1944, 2006. [1937/1944]
- DANTAS, J. W. M.; CARVALHO, M. V. L.; COSTA, C. S. S. M. Variação lingüística *versus* ensino de língua portuguesa em nossas escolas: como erradicar o círculo vicioso do preconceito lingüístico? *Web-Revista Sociodialecto*, v. 5, n. 14, 2014, p. 1-10.
- FALCI, M. B. K. A cidade de Oeiras do Piauí. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*. Teresina: Expansão, n. 17, p. 165-206, 2000/2001.
- FERRAZ, I. S. *Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR)*. Curitiba: UFPR, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOMES, B. R. I. S. et al. A influência do Padre Pedro Balzi na fala dos moradores da comunidade de Vila da Paz. *Web-Revista Sociodialecto*, v. 4, n. 11, 2013, p. 1-10.

IBGE. Cidades e vilas do Piauí. Censo 2010.

IBGE. Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=oeiras/PI-Confira-a-taxa-de-analfabetismo-no-seu-municipio>. Acesso em: 12 nov. 2016.

IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 5 mar. 2015.

IBGE. Os indígenas no Censo Demográfico de 2010. Primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro, 2012.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol. 3. Cognitive and cultural factors. Oxford: Blackwell Publishers, 2010.

LIMA, M. M. de O. *As consoantes róticas no português brasileiro com notas sobre as róticas das variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia*. Brasília: UnB, 2013 (Dissertação de Mestrado).

MEDEIROS, R. P. Povos indígenas nas guerras e conquista do sertão nordestino no período colonial. *Clio*, n. 27-1, 2009, p. 331-362.

MOTT, L. R. B. Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí Colonial. *Revista de Antropologia*, v. 22, p. 61-78, 1979.

NARO, A.; SCHERRE, M.M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, n. 9, p. 437-454, 1993.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2ª ed. compl. refund. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 (1. ed. 1923).

NEGREIROS, M. F. C. D. *A vogal átona final no falar dos picoenses: uma investigação sociolinguística*. Teresina: UFPI, 2012 (Dissertação de Mestrado).

NUNES, A. M. S. *O hiperbibasmo na fala dos teresinenses: variação ou mudança*. Teresina: UFPI, 2014 (Dissertação de Mestrado).

NUNES, A. M. S.; BARROS DO CARMO, W. A.; CARVALHO, L. S. *A ocorrência de metaplasmos em textos da língua falada: uma análise sociolinguística*.

- XI Simpósio de Produção Científica e XI Seminário de Iniciação Científica UESPI, 2011.
- NUNES, F. G. A.; SILVA, A. N. *A palatalização do fonema /s/, em posição de coda no falar teresinense*. XI Simpósio de Produção Científica e XI Seminário de Iniciação Científica UESPI, 2011.
- NUNES, O. *Pesquisas para a história do Piauí*, v. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- OLIVEIRA SILVA, L. R.; CARVALHO, L. S. *Um estudo sobre a despalatalização no falar teresinense: uma análise sociolinguística*. XII Simpósio de Produção Científica e XI Seminário de Iniciação Científica UESPI, v. 1, n. 1, 2012.
- OLIVEIRA, A. S. N. *O povoamento colonial do sudesde do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência*. Recife: UFPE, 2007 (Tese de Doutorado).
- OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia de (-R) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.
- PESSOA, F. ; RAMOS, J. A formação de um banco de dados de fala de Teresina (PI); um estudo de caso. *Forum Linguístico* (a sair).
- PESSOA, F. C. R. Estudo em painel do uso do dativo na fala de Teresina. *Anais da Semana de Eventos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2015, p. 119-127.
- REIS, A. C. C. *História e memória da educação em Oeiras – PI*. Teresina: UFPI, 2006 (Dissertação de Mestrado).
- ROCHA, A. P. A.; ANDRADE, F. E. Áreas dialetais no *polígono* mineiro: desafios metodológicos à sua abordagem histórica. *Gragoatá*, n. 40, p. 47-69, 2016.
- RODRIGUES, J. L. P. Estudos regionais – geografia e história do Piauí. Teresina: Halley S.A. Gráfica e Editora, 2004.
- RUPERT, T. A. *Historia de la iglesia en Brasil*. Madrid: MAPFRE, 1992.
- SANTANA, R. N. M. *Evolução histórica da economia piauiense*. Teresina: Portella, 1985.

- SANTOS, D. M.; LIMA, S. O. Movimento quilombola do Piauí: participação e organização para além da terra. *Revista Espacialidades*, v. 6, n. 5, p. 197-215, 2013.
- SANTOS, G. A. S. *Um estudo sociolinguístico de contato dialetal: a interferência/alternância entre a vibrante simples com a fricativa velar na fala de gaúchos e bom-jesuenses no Piauí*. Teresina: UFPI, 2016 (Dissertação de Mestrado).
- SILVA, A. N. *As pretônicas no falar teresinense*. Porto Alegre: PUC-RS, 2009 (Tese de Doutorado).
- SILVA, H. C. *Pelas veredas do /R/ retroflexo*. Londrina: UEL, 2016 (Tese de Doutorado).
- SILVA, L. R. O.; CARVALHO, L. S. Despalatalização do /ʎ/ no falar teresinense: uma análise sociolinguística. Disponível em: [www.filologia.org.br/vi\\_sinefil](http://www.filologia.org.br/vi_sinefil). Acesso em: 30 jan. 2017.
- SOUSA, V. R. Discutindo a relação sociolinguística: uma análise semântica da linguagem de Angical do Piauí (PI). *Anais do SIELP*. Uberlândia: EDUPU, n. 1, vol. 2, 2012.
- TAYLOR, M.; EDDINGTON, D. Negative prestige and sound change. A sociolinguistic study of the assibilation of /ʎ/ in Piauí portuguese. *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistic Symposium*, ed. Nuria Sagra and Almeida Jacqueline Toribio. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 1996, p. 320-325.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].